

"Deliciosamente doce e reconfortante."

SOPHIE KINSELLA

Jenny
COLGAN

A pequena
livraria
dos
Sonhos

... onde os finais
são sempre felizes



*Leiamos e dancemos, pois essas são duas diversões
que nunca farão mal algum ao mundo.*

VOLTAIRE



Uma mensagem aos leitores

Este livro não tem dedicatória porque é inteiramente dedicado a você, leitora ou leitor. A história é dedicada a todos os leitores.

Porque fala sobre leitura e sobre livros, e como as duas coisas são capazes de mudar sua vida sempre para melhor, digo eu. Também fala da sensação de se mudar e começar tudo do zero (algo que fiz várias vezes na vida) e o efeito que o lugar em que escolhemos morar tem sobre como nos sentimos; pondera se apaixonar-se na vida real pode ser igualzinho ao que acontece nas histórias, e também tem uma ou outra coisa sobre queijo, pois acabei de me mudar para um lugar que faz muito queijo e estou viciada. E também tem um cachorro chamado Salsinha.

Mas ele fala muito sobre livros porque Nina Redmond, a personagem principal, sonha em abrir a própria livraria.

Por isso, eis algumas sugestões de locais de leitura, porque eu quero que você esteja o mais confortável possível enquanto lê. Caso eu tenha deixado de fora algum lugar muito óbvio ou se você gosta de fazer algo totalmente diferente, pode vir comentar comigo no Facebook ou no Twitter (@jennycolgan), porque sou adepta da antiquada convicção de que ler é um prazer que deve ser preservado a todo momento. Espero, do fundo do coração, que você sinta tanto prazer ao ler este livro (onde quer que escolha lê-lo) quanto eu senti ao escrevê-lo.

Banheira

Eu sempre escolho um horário para relaxar com um banho: 21h45. Isso deixa meu marido maluco, já que ele precisa ajustar o termostato se não

estiver na temperatura correta (que é só um pouquinho mais fresca que a superfície do sol) e manter a água sempre no volume certo. É um verdadeiro luxo. Só que eu não gosto de óleo de banho. Acho meio nojento, sabe? Deixa tudo besuntado. Enfim, estou fugindo do assunto. De volta ao livro no banho. Edições de bolso são as mais indicadas, é claro, porque o pior que pode acontecer é ter que deixar o exemplar secando perto do aquecedor (os livros do Harry Potter dos meus filhos estão todos deformados), mas também leio bastante no leitor eletrônico e queria compartilhar um segredinho: eu viro as páginas com o nariz. Diferente de mim, talvez você não tenha sido abençoado com um nariz ítalo-escocês à la Peter Capaldi, mas com um pouco de prática tenho certeza de que vai logo descobrir que é bastante possível deixar uma mão na água e ainda poder passar as páginas usando esse método. Se na sua casa alguém tem a mania de entrar no banheiro sem aviso, é melhor trancar a porta – posso afirmar por experiência própria que as pessoas costumam achar essa cena um tanto hilária.

Uma outra alternativa é fazer como a minha amiga Sez, que usa as duas mãos no e-reader, mas o envolve em plástico. Sagaz.

Cama

O único problema em ler na cama é a brevidade do evento: duas ou três páginas depois você já apagou, que nem uma lâmpada. Depois de um dia bastante cansativo, você pode tentar insistir um pouco até enfim acabar adormecendo. O problema é que, ao pegar o livro na noite seguinte, se pega pensando: “Havia um unicórnio cor-de-rosa correndo em uma sala de aula enquanto eu o perseguia de pijama neste livro?” E sinto informar que não, nada do gênero acontece nesta história. Você é que dormiu e sonhou enquanto lia e infelizmente precisará voltar algumas páginas. Mas como sou muito prestativa, dei nomes bem diferentes aos personagens. Não há nada pior do que ler sobre uma Cathy e uma Katie tarde da noite, e não estou aqui para tornar a vida de ninguém mais complicada do que precisa ser.

Espreguiçadeira

Férias na espreguiçadeira é o momento ideal para uma leitura. Na verdade, durante toda a minha vida, sempre fiquei queimada na mesma proporção que a genialidade do livro que eu lia enquanto tomava sol. O único problema

é saber como segurar o livro. Segure-o acima da cabeça e, além de cansar os braços, seu bronzeado vai ficar com uma marca no formato de um livro (o que eu imagino que até seja considerado legal em alguns círculos). Se o livro refletir a luz do sol, você vai passar o tempo todo franzindo os olhos, o que não é muito atraente. Ficar sentada de perna cruzada e deixar o livro na toalha também não é a pose mais elegante (se você for como eu, com certa tendência a ficar corcunda). Se deitar de barriga para baixo, o suor vai escorrer todo no livro, e as peças de plástico da cadeira podem acabar machucando. A melhor coisa é tentar encontrar uma daquelas maravilhosas espreguiçadeiras de vovó que vêm com abas de pano para puxar por cima da cabeça. Sim, elas podem até ser meio ridículas. Mas assim você, ao contrário de todas as outras pessoas, poderá ler no sol sem perder o conforto, então quem é que ri por último?

Andando na rua

Houve um tempo em que era aceitável andar na rua com a cara enfiada em um livro. As pessoas costumavam sorrir de forma indulgente e sair do seu caminho, pois entendiam que às vezes a vontade de continuar lendo era arrasadora. Certo dia eu vi uma menina no metrô de Londres que estava segurando numa alça do vagão e que acabou deslocando o pulso enquanto tentava, ao mesmo tempo, fazer a baldeação em Bank e terminar de ler *Um rapaz adequado*.

Mas hoje em dia todo mundo vive com os olhos grudados na porcaria do celular com medo de alguém curtir uma foto de cachorro no Facebook e eles demorem dois segundos para ver a atualização, por isso andar na rua virou uma corrida de obstáculos, até mesmo para quem não está com a cara enfiada em um livro. Aconselho cautela.

Clube do livro

Se está lendo esta história para um clube do livro, só digo que sinto muito e presumo que sejam 2h15 na véspera do dia do encontro. Já notei que, quando somos forçados a ler um livro, nos sentimos como se ainda estivéssemos na escola. Afinal, se quiséssemos dever de casa já teríamos nos matriculado naquele curso noturno que vivemos prometendo fazer quando arranjarmos tempo. Se temos que ler com pressa, é nessa hora que alguém vem e pergunta: “E aí, o que achou do final?”, e você se vê forçada a sorrir e concordar,

torcendo desesperadamente para que o final não seja uma pegadinha do autor em que a história vira do avesso (confesso que isso já me aconteceu). Portanto, dou a minha palavra de que o final deste livro não tem pegadinha nenhuma. Por outro lado, se tivesse uma pegadinha eu continuaria dizendo a mesma coisa, não é?

Rede

Certa vez, quando era mais nova, tive um namorado que me deu uma rede de presente e a pendurou na varanda perigosamente alta de casa. Ah, quantas horas felizes eu passei lá, balançando e lendo, comendo biscoito e pensando no meu lindo e querido namorado.

Então, caro leitor, eu me casei com ele, tivemos filhos e um cachorro e nos mudamos para um lugar onde chove o tempo inteiro, e acho que a rede ainda está guardada em algum lugar. Isso, meus amigos, é o que costumam chamar de “felizes para sempre”.

Momentos “roubados” para ler

Ah, essa é a melhor hora para ler. Costumo chegar um pouco mais cedo para pegar as crianças na natação ou passar uns quinze minutos lendo no carro depois de ir ao mercado. Nessas horas eu pego de volta um pouquinho do tempo que o mundo toma de mim para poder ficar sozinha com o meu livro. Nós merecemos esse agrado, e o “proibido” é sempre mais gostoso.

Transporte público

Ler no transporte público é ótimo, desde que você pegue o jeito da coisa. Pegar ônibus, trem ou metrô para o trabalho é algo tão automático – basta observar o olhar vago das pessoas que percorrem essa linda e complexa dança entre as estações todos os dias – que seu cérebro acata no mesmo instante o comando de se retirar de tudo isso durante o exato intervalo de tempo. Guarde o celular. Não há nada nele que não possa esperar até você chegar ao trabalho. Ler no transporte público é a sua pequena recompensa por morar longe.

Viagem

Ler na viagem é bem diferente de ler a caminho do trabalho. Como pode imaginar, eu sou contra Wi-Fi em carros e aviões, embora essa seja uma

batalha perdida. Mesmo assim, reserve um assento na janela para poder se acomodar bem, ponha o fone de ouvido, escolha algo relaxante para ouvir no entretenimento de bordo e se jogue em algumas horas ininterruptas de leitura. Tirando aquele momento em que os comissários começam a servir as bebidas e você fica com medo de que passem direto e então fica ansioso e não consegue se concentrar. Nessa hora, deixe o livro de lado e folheie uma revista, fingindo casualidade, como quem nem se importa se vai ser servido ou não. Também já tentei fazer tudo ao mesmo tempo – comer, beber, ouvir música e ler – num voo de classe econômica. Não recomendo, a não ser que você tenha bastante dinheiro em espécie sobrando para o caso de ter que reembolsar o vizinho de assento pela conta da lavanderia.

Trens, por outro lado, foram feitos para a leitura. Na minha experiência, investir em um bom par de fone de ouvido vale mais a pena do se estressar com os idiotas que insistem em fazer barulho mesmo no vagão silencioso. Não estou dizendo que essas pessoas deveriam ser presas, mas, se fossem, eu é que não ia reclamar.

Diante da lareira

Se não tem lareira em casa, serve uma vela. Conforme o inverno se aproxima, a coisa pela qual mais anseio é o aconchego de uma lareira e um bom livro – quanto mais longo, melhor. Nada melhor do que um romance bem, bem longo, uma caneca generosa de chá ou uma taça de vinho, dependendo da proximidade do fim de semana (ou da minha própria inclinação a forçar os limites de quando o fim de semana começa), e uma boa dose de tranquilidade. Um cachorro também ajuda. Cachorros são ótimos para nos lembrar de que não precisamos ficar olhando o celular de dois em dois segundos para ter uma vida feliz.

Hospital

Já passei muito tempo em hospitais, por uma série de motivos: já trabalhei em hospital, já tive uma penca de filhos no hospital e já fiquei um bom tempo levando os referidos filhos para o hospital por conta de braços e pernas quebrados ao cair da árvore, etc.

O tempo no hospital passa de maneira diferente. Primeiro, é muito mais lento. Não para à noite. E há sempre aquele leve ar de deslumbramento

com tudo o que acontece lá dentro: os dramas verdadeiros que todos nós conhecemos bem – uma vida que acaba e outra que começa, a felicidade e o luto – acontecendo à nossa volta em cada um dos andares do prédio estéril e gelado demais. O terror, o sofrimento e a alegria que ecoa junto com cada passo apressado e profissional no piso de linóleo encerado até brilhar.

Acho muito difícil ler no hospital. É como estar a bordo de um grande navio percorrendo águas turbulentas enquanto aqueles que estão em terra firme continuam vivendo a vida de forma normal, alheios às pessoas que, não muito longe dali, estão navegando na tempestade.

Já a poesia funciona bem para mim no hospital. Coisas curtas, que permitem que você erga os olhos da página sem se sentir frágil demais, isolado demais. Afinal, estamos todos ali, ou já estivemos, ou ainda estaremos.

Também é um lugar para as pequenas gentilezas, como se sentar ao lado de uma pessoa e ler para ela.

É por isso que não compartilho nem um pouco da indignação das pessoas que reclamam que se vendem bolos e sorvetes no hospital. Um hospital sempre deveria ter bolo. É o mínimo do mínimo.

Debaixo de uma árvore frondosa em um parque ensolarado

Mas é claro. De preferência com um sorvete de qualidade. Nada daqueles mais duros.

Outros

Dentre os meus maiores orgulhos na vida está o talento para dar um jeito de ler: amamentando (é só pôr um travesseiro EMBAIXO da cabeça do bebê); secando o cabelo (meu cabelo é bem difícil); escovando os dentes (meus dentes, por outro lado, são ótimos, provavelmente porque a escovação dura muito mais do que o recomendado); esperando o sinal de trânsito ficar verde; trancada no banheiro de um casamento muito chato (quem estava casando não era eu); no parquinho (certa vez li um livro inteirinho enquanto meus filhos se esbaldavam na piscina de bolinhas em uma tarde chuvosa; acho que foi um dia inesquecível para todos nós); na pedicure (nunca peço para fazer a unha da mão porque não dá para ler durante o processo); de pé em uma fila; em um carro conversível (complexo); na igreja (um pecado pelo qual cheguei até mesmo a ser punida, e com razão); em

viagens de negócios nas quais eu precisava fazer minhas refeições sozinha no restaurante (mas com um livro ninguém nunca fica sozinho); e, por fim, lá onde tudo começou, durante um milhão de horas no banco de trás do velho Saab 99 verde do meu pai, comendo um picolé e olhando os cachinhos do meu irmão que dormia com a cabeça na minha perna. Por isso, conte-me onde você gosta de ler. Porque um dia com leitura é sempre um pouquinho melhor do que um dia sem leitura, e eu desejo a você uma infinidade de dias maravilhosos.

Agora chegou a hora de conhecer a Nina.

Um beijo,

JENNY



Capítulo um

O problema das coisas boas é que, com muita frequência, elas se disfarçam de coisas horríveis. Não seria ótimo se, ao passar por uma situação difícil, sempre houvesse alguém que cutucasse seu ombro e dissesse: “Não se preocupe, vai valer a pena. Agora tudo parece uma droga, mas prometo que as coisas vão se resolver no fim.” Ao que você responderia: “Obrigada, Fada Madrinha.” E talvez também acrescentasse: “Outra coisa, eu vou conseguir perder aqueles 3 quilinhos?”. E a pessoa diria: “Mas é claro, meu anjo!”

Isso seria muito útil, mas não é assim que funciona, e é por isso que às vezes passamos tanto tempo insistindo em algo que não nos traz felicidade, ou desistimos rápido demais daquilo que iria se resolver no fim das contas. E costuma ser difícil discernir um caso do outro.

Passar a vida só olhando para o futuro pode ser bem irritante. Pelo menos, era o que Nina pensava.



Nina Redmond, no ápice de seus 29 anos, dizia a si mesma para não chorar em público. Se você já tentou se dar uma boa dose de conselhos, então sabe que isso nunca acaba bem. Pelo amor de Deus, ela estava no trabalho! Você não deveria chorar no trabalho.

Nina ficou se perguntando se mais alguém tinha vontade de chorar no trabalho. Então imaginou que talvez todos tivessem. Até mesmo Cathy Neeson, com o cabelo loiro engomado demais, a boca crispada e suas planilhas, que estava, naquele exato momento, parada num canto observando a sala de

braços cruzados e cara amarrada após transmitir à pequena equipe da qual Nina fazia parte um discurso recheado de termos técnicos para informar que os cortes estavam acontecendo em todo o país, que Birmingham não conseguiria dar conta de manter todas as bibliotecas e que todos teriam que se adaptar aos tempos difíceis.

No fim, Nina decidiu que não. Algumas pessoas não tinham uma única lágrima dentro delas.

(O que ela não sabia era que Cathy Neeson chorava no caminho de casa para o trabalho e do trabalho para casa – em geral depois das oito da noite – sempre que precisava demitir alguém, ou quando era forçada a limar alguns por cento de um orçamento já esquelético, ou quando era obrigada a entregar relatórios de foco em qualidade ou quando o chefe largava uma pilha de trabalho administrativo na mesa dela às quatro da tarde de sexta-feira antes de viajar para uma estação de esqui, algo que ele fazia com frequência.

No futuro, Cathy ainda iria largar tudo e arranjar um emprego na loja de lembrancinhas do National Trust ganhando um quinto do salário, trabalhando metade das horas e sem derramar uma única lágrima. Mas esta não é a história de Cathy Neeson.)

É que..., pensava Nina, tentando afrouxar o nó na garganta, é que eles eram uma biblioteca *tão* pequenininha.

Contações de histórias para crianças às terças e quintas de manhã. O expediente que terminava cedo nas quartas à tarde. O prédio antiquado e maltratado com chão de linóleo gasto. Às vezes o ar recendia a mofo, é verdade. O aquecedor velho que pingava e demorava a pegar no tranco de manhã, mas que, no instante seguinte, matava todos de calor, e havia um cheiro meio suspeito, sobretudo perto do Charlie Evans, que entrava para se aquecer e ler o *Morning Star* de cabo a rabo e bem devagar. Nina ficou se perguntando para onde os Charlie Evans da vida iriam agora.

Cathy Neeson explicara que o plano era concentrar toda a atividade bibliotecária no centro da cidade, cuja biblioteca se transformaria em um “hub”, com uma “zona de experiências multimídia”, um café e uma “experiência intersensorial”, o que quer que isso significasse, apesar de o centro da cidade ficar a no mínimo dois ônibus de distância dali, longe demais para a clientela de Nina, composta de idosos e pessoas sem nenhum tempo livre.

O adorável prédio antigo de telhado de duas águas seria vendido para

dar lugar a um prédio de apartamentos executivos bem além do alcance do salário de uma bibliotecária.

E Nina Redmond, 29 anos, rata de biblioteca, com os longos cabelos castanho-avermelhados, a pele branca com algumas sardas e uma timidez que a fazia ruborizar – ou querer irromper em lágrimas – nos momentos mais inoportunos, tinha a sensação de que seria atirada na rua da amargura em um mundo com cada vez mais bibliotecários desempregados ao mesmo tempo.

– Então vocês já podem começar a empacotar todos esses “livros” – concluíra Cathy Neeson.

A mulher pronunciara “livros” como se achasse que eram objetos de mau gosto, incompatíveis com o futuro lustroso e moderno que imaginava para a Mediatech Services. Todos aqueles livros enebados e esquisitos.



Nina se arrastou para a sala dos fundos com o coração pesado e os olhos um pouco vermelhos. Por sorte, todo mundo estava do mesmo jeito. Rita O’Leary, uma senhorinha que devia ter se aposentado uns dez anos antes mas que era tão gentil com a clientela que todos relevavam o fato de que ela não conseguia mais enxergar os números da Classificação Decimal de Dewey e guardava os livros mais ou menos ao acaso, tinha se debilhado em lágrimas, e Nina conseguira engolir a própria tristeza para consolar a colega.

– Sabe quem também fez algo parecido? – sibilou seu colega Griffin por trás da barba desgrenhada quando Nina passou por ele. Griffin lançou um olhar desconfiado para Cathy Neeson, que ainda estava no salão principal, e acrescentou: – Os nazistas. Eles encaixotaram os livros todos e os atiraram na fogueira.

– Ninguém vai jogar nada na fogueira! – rebateu Nina. – Eles não são nazistas.

– Isso é o que todos pensam. E aí, quando menos se espera, estão cercados de nazistas.



Com uma velocidade impressionante, houve uma espécie de liquidação, com a maior parte da clientela folheando os velhos exemplares favoritos na caixa de dez centavos e deixando para trás itens mais novos.

Depois, com o passar dos dias, a equipe deveria estar empacotando o resto dos livros a fim de mandá-los para a biblioteca central, mas o rosto de Griffin, que já costumava ser sempre sério, estava ainda mais carrancudo. Tinha uma barba comprida e desgrenhada, e um hábito de menosprezar as pessoas que não liam os livros que ele gostava. Como só gostava de histórias obscuras de 1950, já fora de catálogo, sobre rapazes frustrados que bebiam demais em Fitzrovia, Griffin tinha oportunidade de sobra para aperfeiçoar esse hábito. E continuava falando sobre queimar livros.

– Eles não serão queimados! Os exemplares vão para a sede no centro da cidade.

Nina não conseguia nem mesmo pronunciar a palavra “Mediatech”. Griffin bufou.

– Você já viu os planos para o lugar? Café, computadores, DVDs, plantas, escritórios administrativos e pessoas fazendo análises de custo-benefício e importunando os desempregados... digo, ministrando “workshops de atenção plena”. Não há espaço para livros naquele lugar maldito. – Griffin fez um gesto para as dezenas de caixas. – Tudo isso vai para o lixão. Eles usarão para fazer estradas.

– Não vão, não!

– Vão, sim! É isso que fazem com livros mortos, não sabia, não? Eles são reciclados e viram forro para estradas. Para que os carrões possam passar por cima de séculos de pensamentos e ideias e intelectualismo, metaforicamente esmagando o amor pelo conhecimento com seus grandes pneus idiotas, esse bando de fanfarrões que estão matando o planeta.

– Parece que seu humor não está dos melhores hoje, hein, Griffin?

– Será que vocês dois podem se apressar? – interrompeu Cathy Neeson, com ansiedade na voz.

O orçamento só cobria o uso dos caminhões de frete por uma única tarde, de modo que, se eles não conseguissem carregar tudo a tempo, ela estaria muito encrencada.

– Sim, comandante-super-Führer – respondeu Griffin, baixinho, e a mulher se afastou, com os cabelos loiros ainda rígidos no penteado. – Meu Deus, essa mulher é um bicho mau que nem pica-pau.

Nina, contudo, não estava mais prestando atenção. Em vez disso, sentia o desespero tomar conta ao olhar os milhares de exemplares à sua volta, todos tão esperançosos com suas lindas capas e resenhas otimistas. Condenar qualquer um deles à reciclagem era devastador: eram livros, oras. Para Nina, era como se estivessem fechando um abrigo de animais. E Cathy Neeson podia dizer o que quisesse, mas não havia a menor possibilidade de conseguirem empacotar tudo em um único dia.

E foi assim que, seis horas depois, quando Nina estacionou o Mini Metro diante da porta da frente de sua casinha minúscula, o carro estava completamente entulhado de livros.



– Ah, não – disse Surinder ao chegar à porta, cruzando os braços por cima do busto consideravelmente volumoso.

Tinha uma expressão azeda no rosto. Nina já conhecera a mãe dela, que era superintendente de polícia. Era da mãe que Surinder herdara aquela mesmíssima expressão que, com bastante frequência, era dirigida a Nina. Surinder prosseguiu:

– Você não vai trazer isso pra cá. Nem pensar.

– É só porque... Olha, eles estão em perfeitas condições.

– A questão não é essa – falou Surinder. – E não olha pra mim desse jeito, como se eu estivesse botando órfãos no olho da rua.

– Bem, de certa forma... – falou Nina, tentando não parecer suplicante demais.

– Nina, as vigas da casa não vão suportar! Já te disse isso antes.

Já fazia quatro anos felizes que Nina e Surinder dividiam uma casinha geminada, desde que Nina se mudara para Edgbaston vinda de Chester. As duas não se conheciam antes, de modo que passaram pela agradável experiência de se transformar em amigas que dividiam o apartamento, em vez de amigas que deixam de ser amigas ao dividir um apartamento.

Nina vivia com certo receio de que Surinder começasse a namorar sério e fosse morar com o cara ou trazê-lo para morar com elas, mas, apesar do grande número de pretendentes, isso ainda não tinha acontecido, o que era um tanto útil. Surinder comentava que não havia nenhum motivo para

que acreditassem que esse tipo de coisa só aconteceria com ela, porém, graças à mania solitária de ficar lendo o tempo todo e à timidez de Nina, ambas tinham bastante certeza de que Surinder ia dar sorte primeiro. Nina sempre fora uma pessoa quieta e isolada, e observava o mundo através dos romances que adorava ler.

Além do mais, não era como se já tivesse conhecido qualquer homem que chegasse aos pés dos heróis dos livros que tanto amava, o que se evidenciava sobretudo depois de uma noite desconfortável conversando com os amigos desajeitados do *último caso* amoroso de Surinder. Sr. Darcy, Heathcliff ou, dependendo do humor, até mesmo um Christian Grey... os meninos nervosos e de mãos suadas para quem ela nunca conseguia pensar em nada interessante ou inteligente para dizer não chegavam nem perto. Eles não caminhavam pelas charnechas de Yorkshire com ares misteriosos e soturnos. Não se recusavam a dançar com você no Pump Room embora tivessem passado a vida inteira nutrindo, em segredo, uma paixão arrebatadora por você. Eles só ficavam bêbados na festa de Natal, como o Griffin ficou, e tentavam enfiar a língua na sua boca depois de passar horas e horas tagarelando sobre como o relacionamento com a namorada não era tão sério assim no fim das contas. Enfim. Surinder estava furiosa e, para piorar, coberta de razão. Em relação aos livros, não tinha mesmo espaço. Havia livros em todos os lugares. Na escada, ao pé da escada, lotando completamente o quarto de Nina, expostos com esmero na sala de estar e, só por via das dúvidas, no banheiro. Nina gostava de sempre poder saber que havia um exemplar de *Mulherzinhas* por perto para os momentos de crise.

– Mas não posso deixá-los aqui fora, no frio – apelou.

– Nina, isso é polpa de ÁRVORE MORTA! E alguns livros estão com um cheiro péssimo!

– Mas...

Surinder manteve a expressão inalterada e olhou para Nina muito séria.

– Nina, já chega. Isso está saindo do controle. Você passou a semana inteira guardando os livros da biblioteca. E a coisa só está piorando cada vez mais.

Ela se adiantou e pegou no topo da pilha um volume imenso, um romance que Nina adorava.

– Olha aqui! Você já tem esse livro!

– Eu sei, mas é que essa é uma primeira edição em capa dura. Olha só como é linda! Ninguém nunca leu!

– E ninguém nunca vai ler, porque a sua lista de leituras já é mais alta do que eu!

As duas garotas tinham ido parar no meio da rua porque Surinder estava tão possessa que saía pela porta da frente.

– Não! – falou Surinder, erguendo a voz. – Não. Desta vez eu vou ter que insistir.

Nina sentiu que o tremor tomava conta de seu corpo. Notou que estava prestes a ter uma briga com a amiga e não conseguia suportar qualquer tipo de confronto ou desentendimento. E Surinder também sabia disso.

– Por favor – pediu Nina.

Surinder ergueu as mãos, frustrada.

– Meu Deus, parece até que estou batendo em um cachorrinho. Você não está fazendo nada para lidar com essas mudanças no trabalho, não é? Nada de nada. Você só se encolhe num canto e se finge de morta!

– Tem mais uma coisa – sussurrou Nina, com os olhos grudados no chão assim que a porta bateu atrás delas. – Esqueci as chaves hoje de manhã. Acho que ficamos trancadas para fora de casa.



Surinder a fuzilara com o olhar, fazendo aquela cara de comissária de polícia, e então, graças a Deus, desatara a rir. Depois, seguiram para um agradável pub gastronômico na esquina da rua (que costumava ficar apinhado mas que, por sorte, não estava muito cheio naquela noite), onde conseguiram uma mesa aconchegante em um cantinho.

A amiga pedira uma garrafa de vinho sob o olhar atento de Nina. O gesto costumava ser um mau sinal, prenunciando o início da conversa sobre “o que há de errado com Nina” que em geral começava depois da segunda taça.

E qual era o problema, afinal de contas? Ela amava livros e amava o emprego e amava viver a vida daquele jeito. Era agradável, confortável. Rotineiro. Ou pelo menos costumava ser.

– Não – falou Surinder, largando a segunda taça com um suspiro.

O rosto de Nina assumiu uma expressão de escuta resignada. Surinder

trabalhava em uma empresa de importação de joias, cuidando da contabilidade envolvida no comércio de diamantes. A amiga era fantástica no trabalho. Todo mundo morria de medo dela. Suas habilidades administrativas eram lendárias, assim como o seu número de faltas.

– Não é bom o suficiente para você. Não é mesmo, Ninoca?

Nina se concentrou na própria taça, torcendo para que outra coisa se tornasse o foco da atenção da mesa.

– O que o moço do RH falou?

– Ele disse... ele disse que quase não tem mais vagas de emprego nas bibliotecas, ainda mais depois dos cortes. As equipes serão formadas em sua maioria por voluntários.

Surinder deu uma risada seca.

– Aquelas simpáticas senhorinhas aposentadas?

Nina assentiu.

– Mas elas não vão conseguir sugerir os livros certos para as pessoas! Elas não fazem a menor ideia do que uma criança de 9 anos tem que ler depois de Harry Potter.

– *O motivo*, do Patrick Ness – falou Nina, no mesmo instante.

– É disso que eu estou falando! Dessa expertise! Elas conseguem se virar bem com o sistema de classificação? Com a arrumação das prateleiras? As atividades administrativas?

Nina fez que não com a cabeça.

– Não muito.

– Então para onde você vai?

Nina deu de ombros.

– No novo *hub* de mídia talvez tenha algumas vagas de facilitadores, mas eu teria que fazer uma capacitação de trabalho em equipe antes de me candidatar.

– Capacitação de trabalho em equipe?

– Isso.

– *Você?* – Surinder deu uma risada. – Já fez a inscrição?

– Não, mas o Griffin já.

– Ora, mas você tem que se inscrever.

Nina deu um longo suspiro.

– É, acho que sim.

– Nina, você vai perder o emprego! Perder o emprego! E ficar o dia inteiro de papo para o ar lendo Georgette Heyer a tarde toda não vai mudar isso, não é mesmo?

Nina fez que não com a cabeça.

– Você tem que se mexer, garota!

– Se eu fizer isso, posso levar os livros para dentro de casa?

– Não!

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Sextante, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

